

MAI-BRITT WOLTHERS

EQUAÇÕES

POR MARIO GIOIA

Equações, de Mai-Britt Wolthers, individual que faz parte da temporada 2014 do Programa de Exposições do CCSP (Centro Cultural São Paulo), é alentadora porque dá conta do grande frescor da corrente produção da artista, característica presente em cada tela, gravura e objeto exibidos atualmente no importante espaço cultural paulistano. Para a dinamarquesa radicada no Brasil desde 1986, pode-se dizer que Equações finalmente dá uma visibilidade adequada para a sua obra, vista em algumas coletivas e individuais, mas sem a mesma força agora exposta.

Uma das qualidades que é perceptível facilmente ao público é a elogiável fluidez presente em todo o conjunto, indo do intimismo explorado nos pequenos formatos da obra gráfica aos grandes chassis, nos quais são dispostos com liberdade as zonas de cor (por meio da tinta acrílica) e o traço (por meio do grafite), que, com graça, às vezes elege signos como números e letras e, outras vezes, serve de contorno a objetos mais identificáveis. O tridimensional é como uma experiência de concretude do bidimensional e desdobra questões já anteriormente tratadas pela artista _ como a 'fiscalidade' da cor e a expansão das linhas.

Nos arranjos visuais-plásticos de hoje, Wolthers parece lançar ao observador um duplo jogo. Se, por um lado, quem é atraído pelos dados mais marcantes da pintura _ a vivacidade da cor, as texturas da superfície e as relações que pequenos elementos de composição guardam ao se repetir em trabalhos distintos _ e, curioso, deve perguntar a origem de tais imagens, ao mesmo tempo todo esse mosaico de apurada técnica cria outros elos,

associados ao que genericamente podemos chamar de 'assunto pictórico'. Assim, os registros primários que deram os fundamentos para as telas _ fotos domésticas e familiares, imagens cotidianas e banais _ servem como uma informação útil, porém menos relevante que todo o labor empreendido no conjunto apresentado, com embates, sobreposições e desgastes pertencentes ao universo pictórico. Aí Wolthers pode abrir sendas de diálogo com a história da modernidade e do contemporâneo, indo de Matisse a Ryman, de Marden a Scully e Pasta, entre muitas outras conexões que podem ser levantadas.

As gravuras em metal, de pequenas proporções, também abrigam extensões interessantes dessa obra multifacetada de Wolthers. Nesse tipo de trabalhos 'de câmara', a artista quer lidar com um tipo de poética mínima, em que o vazio, a ausência e o silêncio são centrais. Por isso, numa das gravuras de Equações colocada estrategicamente isolada na parede expositiva, um traço, da esquerda para a direita, ocupa bem pouco de um quadrante do trabalho, como se quisesse esboçar uma figura a extrapolar o quadrado e a formar mentalmente, então, uma outra imagem na mente de quem a enxerga. No entanto, essa busca do essencial também não se resume a uma investigação estanque e excessivamente planejada. Em outra gravura, o azul, algo Klein, de uma forma que pode remeter a um Barbapapa setentista quebra a rigidez de um recorte gráfico que, visto exageradamente, poderia almejar algum discurso mais transcendente. Cria também ligações com a esfera que se coloca com certa estranheza na superfície cinzenta do espaço expositivo, ladeando outro objeto que não é menos esquisito, dotado de uma orelha-tromba em preto a tocar o chão, sem muitas pretensões. É nessa zona intermediária e cada vez mais interessante, entre o refletido e o acidental, o intensivo e o lúdico, que Mai-Britt Wolthers assina, com potência pouco a pouco mais destacada, sua recente obra.